



RUA DOS TUMULOS EM POMPEIA.

No anno 63, a 5 de Fevereiro, houve um tremor de terra tão espantoso que, segundo a expressão de Seneca, destruiu toda a Campania.

No livro sexto das *questões naturaes*, expressa-se assim:

«Pompeia, uma das grandes cidades da Campania, que se avisinhava, por um lado da costa do cabo Sorrento e Stabia, e pelo outro da ribeira Herculanium, por onde o mar tinha cavado um aprasivel golpho, foi abysmada por um tremor de terra, que se estendeu além dos arbaldes, e isto no inverno, estação privilegiada contra estes perigos, segundo diziam nossos paes. . . Além de Pompeia, tambem Herculanium foi destruida em parte, e o que por agora resta ainda não está bem seguro.»

A historia acrescenta que no anno seguinte, na occasião em que Nero cantava no theatro de Napoles, sobreveiu um tremor de terra, que abalou o edificio, e o destruiu. O povo e o imperador tiveram tempo de fugir. Isto se lê em Tacito, acrescentando que o artista coroado compoz, para agradecer aos deuses este evidente favor, hymnos de agradecimento, com a respectiva poesia e musica.

Tambem d'esta vez Pompeia soffreu; mas reparou as suas ruinas, quando sobreveiu a catastrophe suprema, no anno 79.

Pompeia, e duas cidades visinhas estavam edi-

ficadas sobre lavas de havia muito lançadas pelo volcão. O Vesuvio adormecera as suas coleras por tanto tempo, que o homem já esquecido d'ellas estabeleceu-se sobre aquelles abysmos.

Em 23 de Agosto do anno 79, o primeiro d'aquelle bello e grande reinado de Tito, que acabava de pacificar o mundo, uma nuvem extraordinaria se elevou do Vesuvio, e avançou para a esquadra do Misene, que era então commandada por um sabio illustre—Plinio o antigo. N'aquelle tempo os almirantes eram philosophos e naturalistas, ou os naturalistas e philosophos eram almirantes.

Depressa a nuvem vomitou cinzas, e o sabio, curioso como o são todos, foi abafado n'ella. Seu sobrinho acrescenta, em justificação do volcão, que o tio padecia de asma, e que os seus escravos poderam fugir sem accidente.

Se o volcão, porém, não matou o sabio asmatico senão por um acaso, a alguma distancia d'ali executava uma terrivel obra de destruição.

Herculanium, e as aldéas de Ratina (a Resina moderna) e de Oplonte, desapareceram afogadas n'uma furiosa torrente de aguas brilhantes e lavas inflammadas. Collocadas mais altas, e mais distantes, Pompeia e Stabia foram sepultadas sob alguns metros de cinzas e *lapilli*, especie de chuva volcanica de pedras pequenas e poeira ardente.

Acabada a catastrophe, a Campania foi a pouco e pouco repondo-se. Estabeleceram-se aldeas n'aquellas lavas fecundas. Alexandre Severo mandou fazer algumas excavações, e retirou de Pompeia marmores preciosos. Depois vieram os barbaros, e tudo se esqueceu n'estas erupções humanas mais destruidoras que as do Vesuvio, e a memoria dos homens só conservou vaga recordação das cidades destruidas.

No anno de 1684, um padeiro de Portici, pequena cidade do reino e provincia de Napoles assentada na falda do Vesuvio, quiz abrir um poço em sua casa. Como os operarios já tivessem levantado certa espessura de lava, as picaretas acharam um vacuo. Alargou-se a abertura, e desceu-se com cordas a um profundo subterraneo, onde se encontrou magnifica escada, uma galeria, e estatuas despedaçadas. O padeiro zangou-se por não encontrar a cubiçada agua, e fez tapar tudo.

Vinte e dois annos depois, o principe Manuel d'Elbeuf, francez ao serviço do imperio, comprou a casa do padeiro para ahí construir um palacio. Cavando-se os alicerces, encontrou-se, em 1713, uma nova excavação, da qual se retiraram marmores e estatuas, com que se ornaram os terraços, e outras se enviaram para Vienna e Dresde.

Fizeram-se depois novas excavações, e descobriu-se um templo circular, sustentado em quarenta e oito columnas de alabastro.

Em 1736, D. Carlos, que depois foi Carlos III de Hespanha, mandou fazer novas excavações. Em Resina fez-se outra, e n'esta se encontraram templos, casas perfeitamente conservadas, inscripções, moveis e medalhas, que diziam o nome d'aquella cidade soterrada.

Esta era Herculanium.

Em 1748 andando um lavrador arando em Civita, junto a Sarno, quebrou a charrua de encontro a uma estatua de bronze. D'esta vez aflorava á terra uma cidade. Cavou-se, e encontrou-se Pompeia.

As primeiras excavações de Herculanium foram mais felizes. Descobriu-se o solo que cobria os Balbus, o Fauno dançante, a Minerva, o busto de Seneca, esses esplendidos primores de arte que hoje figuram nos valiosos thesouros do museu dos Studi, em Napoles. Quando, porém, se encontrou Pompeia, abandonaram-se as custosas excavações de Portici e Resina, e todos os esforços se voltaram para ella.

No principio eram feitos os trabalhos tão irregularmente que se lançava para a direita e para a esquerda o entulho que se tirava d'um local. Tornava-se a cobrir o que se descobria. Quando os francezes no principio d'este seculo estiveram em Napoles, regularisaram aquellas excavações, e encarregaram officiaes de engenharia da sua direcção. Estes trabalhos continuaram-se assim calorosamente, e em 1812 e 1813, a rainha Carolina fez descobrir a maior parte da cidade dos mortos como lhe chamou Walter Scott.

Hoje estão a descoberto famosos monumentos. A nossa estampa representa a rua dos tumulos em Pompeia.

QUEM O ALHEIO VESTE, NA PRAÇA O DESPE.

Continuação.

Ainda o dia seguinte vinha em casa de Deus, e já João d'Amores, sacudindo das palpebras o lethargico effeito das papoulas de Morpheu, serenado o animo com aquelle somno que levava d'uma enfiada, se ataviava com os melhores fatos, para se dirigir a Terça Nabal, ao palacio do infante. Mais d'uma vez se impacientara com as filhas, elle que de seu natural era tão bondoso para ellas, por lhe não apressarem o almoço n'aquelle dia; e se bem que uma hora antes da usual já lhe tinham posto na mesa uma taxada de papas, a ceirinha de passa de figo, e o cangirão de vinho, o bom do piloto resmungava, como se n'aquella occasião de proposito tivessem retardado a comida, com intentos de o desviarem do grande projecto que na mente já via em termos de realisar.

Era cedo de mais para se apresentar em palacio, e forçoso lhe foi esperar mais algum tempo, antes de se metter a caminho. Empregou-o portanto em reler a memoria que, durante aquelles oito dias em que a compozera, mais de um cento de vezes fôra lida, e ainda lhe fez seus retoques.

Aproximou-se por fim a hora, e eil-o a andar para o palacio de Terça Nabal. Chegado ahí pediu ser admittido á presença do infante; mas as portas dos palacios tão faceis em abrir-se aos seus habituados, parece que cada vez se cerram mais para os desconhecidos e estranhos. Não é porque seus donos deixem de ser de facil accesso, e o infante D. Henrique era um d'aquelles que acolhia lhanamente a todos, e com todos affavel conversava, tanto mais se as praticas tinham por fim, como aquella que João de Amores desejava, a realisação dos seus doirados sonhos de descobertas e conquistas; mas o sequito do infante, como succede em toda a parte onde ha valimento, receava-se sempre de um estranho, como se lhe viera cercear o quinhão do favor. Por isso lhe responderam ser impossivel penetrar até á presença do infante, que, aborrecido da importunidade dos pretendentes, tomara a resolução de despedir a todos.

— Ao menos desejava entregar-lhe uma memoria, replicou o piloto a quem tão desabridamente o despedia.

— Positivamente declarou sua senhoria, lhe redarguiram, que nenhuma receberia.

— Sua senhoria guarda hoje a cama, lhe disse outro; porque ha algum tempo que padece, con-

sequencia dos seus estudos e trabalhos; e por isso os medicos lhe prescreveram absoluto repouso.

— Mas o negocio é urgente, e não admite demora.

— Entao dirija-se a el-rei, que esta no seu paço em Lisboa.

Descoroçoado se retirou João d'Amores, revolvendo na mente mil projectos de como faria chegar a sua memoria ás mãos do infante. Para ir a Lisboa ter com el-rei era longa a viagem, e achava-se exausto de dinheiro. E de mais, se tanta difficuldade encontrara para penetrar no palacio do infante, quanta não acharia em Lisboa, desvalido de protecções, para chegar ate a pessoa d'el-rei!

Tudo isto se lhe representava na mente como um phantasma aterrador: desvaneciam-se-lhe os projectos que formara, e caía como fulminado vendo fugir-lhe a esperanza que ate ali tão fagueira lhe sorria.

Era, porém, necessario tomar uma resolução: e por fim adoptou a unica que em taes circumstancias tinha a seguir.

— Esperarei, disse elle consigo; esperarei todos os dias á porta do palacio, ate que possa avistar-me com o senhor infante; e se o conseguir o meu negocio irá bem. No entanto, até chegar esse suspirado momento, exercerei em Sagres o meu officio de pratico do porto e da costa.

Assim resolvido, por mais de dois mezes João d'Amores não faltou nem um só dia em ir ao palacio do infante, e quando se lhe offerencia occasião pilotava os navios que entravam e saíam do porto, ou que navegavam na costa adjacente.

Os criados e guardas do palacio de Terça Nabal já se haviam familiarizado por fim com o piloto, a quem tomavam por um insensato, ouvindo-lhe continuamente fallar na sua ilha deserta, coberta de magnificas florestas, e cuja paragem só elle conhecia.

De bocca em bocca correram estas praticas até chegarem aos ouvidos de quem imaginou aproveitá-las; mas no entanto João d'Amores, nem conseguia fallar ao infante, nem obtinha que algum dos familiares do paço se encarregasse da apresentação da sua memoria.

Já começava a perder a esperanza, e estava cansado de luetar com o destino; quando inesperadamente, n'uma formosa manhã de Abril, vê chegar a sua casa um cavalleiro.

— Será esta a poisada de João d'Amores, o piloto de Sagres?

— E vossa também, se vos quizerdes servir d'ella.

— Pelo que vejo sois vós proprio a quem procuro.

— E que posso fazer em vosso serviço?

— Em meu serviço nada: no do senhor infante D. Henrique, tudo.

— Do senhor infante!... pois acaso já lhe consta?

— Que sois um homem honrado, e que tendes altos segredos a communicar-lhe sobre a descoberta de uma ilha deserta.

Este successo, ainda que esperado, causava tanta alegria no bom do piloto, que por momentos esteve sem poder articular palavra... A pouco e pouco serenando, porém, desembargada a voz, pôde dizer ao estranho:

— Sois o meu bom anjo, senhor!... Deus vos recompense... Posso emfim levar avante o meu projecto... partirei n'uma caravela da qual terei o commando; tomarei posse da minha ilha em nome do rei de Portugal; voltarei ao reino para ser galardoado com honras e riquezas!... Ah! senhor, isto é para enlouquecer... Vamos... vamos ter já com o senhor infante.

— Moderae o vosso entusiasmo, que todas essas coisas se cumprirão, mas não hoje. O senhor infante deseja praticar convosco, mas os medicos não lhe permitem por ora largas conversações, como o caso o demanda. Por isso antes da audiencia que tem de vos conceder, ordenou-me pedir-vos lhe envieis a vossa memoria, que a quer estudar no remanso do gabinete.

— Nada mais facil, senhor, e eu já lh'a teria enviado se alguém tivesse querido encarregar-se d'ella... Eil-a.

— Estaes bem certo, senhor João d'Amores, de que esta descoberta não é sonho de imaginação escandecida; e de que esta ilha incognita não é phantasia de cerebro enfermo? interrogou o desconhecido recebendo a memoria.

— Tão certo, senhor, como esta luz que nos allumia, n'esse papel só lancei a verdade... Ouvi, se quereis.

— Não; não é preciso. O senhor infante unicamente me encarregou de receber de vós estes papeis; o resto pertence-lhe, e portanto elle só deverá ter conhecimento do vosso segredo. D'aqui a tres dias conto estar de volta... Adeus!

E o desconhecido se retirou guardando cautelosamente os papeis que o piloto lhe confiara.

Este não sabia como agradecer a Deus a sua boa fortuna, e no extasis de sua alegria já dava por cumpridos seus ambiciosos sonhos. Maria e suas filhas compartilhavam as esperanças de João d'Amores, que contava hora por hora, dia por dia, o praso assignalado pelo mensageiro do infante D. Henrique. Passou—porém o terceiro, o quarto, e o quinto dia, e o cavalleiro sem voltar!

— Não importa, dizia João d'Amores, ao ver findar-se cada dia sem ser chamado pelo infante; estou habituado a ter paciencia: saberei esperar. Não sou apurado na escriptura, e o senhor infante não teve ainda tempo de bem decifrar os meus rabiscos.

Continua.

O ACANTHO.

Esta palavra vem do grego *akantha*, que quer dizer espinho.

O acantho é uma planta herbacea, notavel pela belleza do seu porte, e especialmente pela elegancia das folhas.

Duas especies de acantho crescem espontaneamente no meiodia da Europa, o *acantho espinhoso*, e o *acantho molle*.

O acantho espinhoso é mais recortado do que o outro; offerece na extremidade dos segmentos piques rudes e agudos, e os architectos da idade media muitas vezes o imitaram nas suas construcções gothicas.

O acantho molle é aquelle de que se diz ter dado origem ao capitel corinthio. A este respeito veja-se a Illustração Luso-Brazileira n.º 26.

D. JOÃO DE CASTRO HISTORIADOR.

Relação do cerco de Diu, e da batalha ganha por D. João de Castro contra o exercito do rei de Cambaya extrahida de uma carta inedita de D. João de Castro a el-rei D. João III, escripta em Diu aos 16 de Dezembro de 1546.

Conclusão

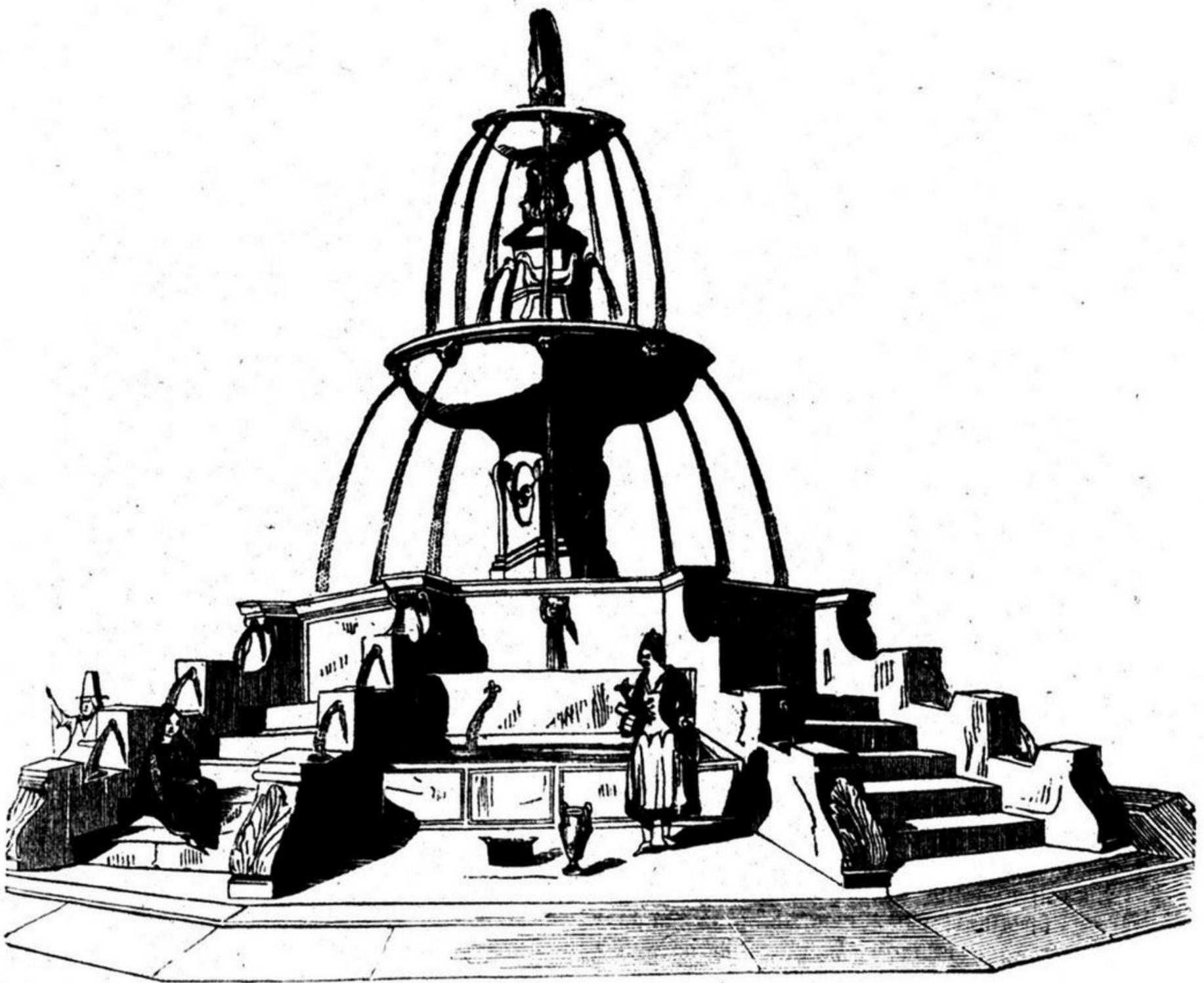
Esta vitoria assim como é a maior que se vio em todo o oriente, assim é bem que V. A. a festeje, e saiba que se não podia alcançar sem muitos e evidentes milagres, como todos tem por cousa muito averiguada; e os mouros affirmão terem visto sobre a egreja huma mulher muito resplandecente, que os cegava, e não deixava ter o rosto direito aos christãos; pelo que é necessario que V. A. mande fazer muitas procissões, e dar graças a nosso Senhor, pois lhe fez tamanha mercê, que a 10 de Novembro vespera de S. Martinho lhe deu de novo toda a India e huma tamanha vitoria com obra de dois mil homens, que para todo o tempo ficará d'ella memoria nestas partes; e assim fazer-me mercê da minha joia como sempre foi costume dos Reis e Principes, quando algum seu capitão vença batalha, ou tome cidade, o que eu tudo fiz em hum dia com ajuda de nosso Senhor: mas por que pode ser que V. A. me faça mercê de alguma impropria a minha condição, e maneira de vida lh'a quero nomear, e pedir, que he que me faça mercê de hum castanhal que tem na serra de Cintra aonde chamão a ponte de el-rei (que hoje chamão de Penha Verde) a par da minha quinta para que tendo os meus moços que comer no meu não vão destruir, nem fazer dano ao alheio. O castanhal poderá valer de compra dez ou doze mil réis, mas para mim muitos mil cruzados.

Os homens nobres e honrados que nesta batalha morrerão são os seguintes: D. João Manoel filho de D. Bernardo Manoel, o qual foi um dos primeiros homens que chegarão ás muralhas, ferido de uma espingarda, e tendo uma mão em

cima para subir lh'a cortarão, e com a outra tornou a ferrar do muro, e começou a subir sem embargo de lhe darem muitas feridas, e subindo em cima disparou uma peça de artilheria, e o matou. Morreu mais Jorge de Souza, filho de Henrique de Souza, que tambem foi dos primeiros a subir os muros, e o matarão nessa demanda como valente cavalleiro: e assim morreu Francisco de Azevedo na dianteira de uma espingarda que lhe deu: e morreu João Falcão como valente homem que hera: e morreu Vasco Fernandes capitão dos piães de Goa: e Julião Fernandes contador de V. A. e Duarte Rodrigues Mouzinho, Balthasar Jorge, Lucas de Abreu, Manoel de Souza de Sepulveda, o qual ao passar das muralhas lhe derão com um canto na cabeça, e outro no rosto de que o desatinarão, mas tornando em si tornou a entrar na batalha; foi mais ferido Jorge de Mendonça; Miguel da Cunha; Pedro Lopes de Souza; D. João de Abranches; João Figueira; Garcia Rodrigues de Tavora, filho de Christovão de Tavora; Alvaro da Gama; filho de Antonio Sequeira; Lopo Botelho, filho de João Gago; Manoel Telles; Luiz de Almeida, que esteve em huma caravela na barra; Simão Botelho, vedor da fazenda; e Tristão de Paiva.

O serviço que este dia fizerão os fidalgos a V. A., e quam bem pelejarão todos, é cousa para nunca se acabar de dizer, e quam bem me acompanharão sempre em toda a jornada, com grandes gastos de sua fazenda, a saber; Garcia de Sá; D. Manoel de Souza de Sepulveda; D. Manoel de Lima; D. Manoel da Silveira; Francisco da Cunha; Payo Rodrigues de Araujo, capitão que foi de Cochim; Jorge Cabral, o qual tendo sua mulher em Goa nunca se quiz ir até se acabarem as obras e trabalhos de Dio; Diogo Alves Telles; D. João Lobo; João Juzarte; Antonio de Sá; D. Antonio de Castro; e D. Roque Tello; com os quaes me aconselhara sempre em todas as cousas, que havia de fazer, por nelles haver muito sizo, e cavallaria, e grandes desejos de em tudo servir a V. A.: e assim fui mais ajudado, e aguardado de Francisco de Almeida; Manoel Sodré; D. Jorge d'Eça; Jeronymo de Souza; Fernão Pires de Andrade; João de Magalhães, pelo que todos merecem a V. A. fazer-lhes muita honra e mercê.

Pois os letrados não comerão os seus ordenados muito ociosos, porque o secretario veio em huma fusta e o ouvidor geral em outra com muitos homens, e armas, os quaes na batalha se houverão mais como valentes soldados que como letrados muito sizudos, que elles são. As finezas que fizerão os casados de Goa, e de Chaul nunca se lerão dos romanos; porque ás suas custas com muitos homens vierão servir a V. A., e não contentes com isto, me offerecião dinheiro para as cousas do seu serviço: em todo o tempo que durou o cerco derão de comer a muita gente, e vigiavão a fortaleza, e pelejando em todos os combates extremamente, a saber: Tristão de Pai-



FONTE DA PORTA DE FLORENÇA, EM ROMA.

va Garcez; Domingos Fernandes; Jacomo do Couto; Domingos Peres; Payo Rodrigues de Araujo; Jorge de Souza; Pero Preto; Tristão de Orta, o qual veio comigo em hum galeão com muita gente, e sempre deu mesa a muita gente: e assim na batalha, como no fazer das obras, servio a V. A. muito bem: e assim Antonio Martins que veio de Goa comigo, trouxe muita gente consigo, e lhe deu sempre nas obras de comer, e servio grandemente nas obras, e em todas as outras cousas, que se lá fizerão; e Miguel Rodrigues casado de Goa, que offereceu muitas vezes dinheiro para necessidades que havia, e veio com D. Alvaro em huma fusta com muitos homens, e em todo o tempo que esteve no cerco lhes deu de comer, pelejou sempre muito bem, e o dia da batalha foi ferido ao passar das muralhas, mas nem por isso deixou de entrar na batalha, e pelejar como valente homem. Pelos quaes serviços V. A. me fará mui grande mercê em escrever huma carta á cidade de Goa, e outra á de Chaul de muitos agradecimentos, e contentamentos do que fizerão, que seja grande causa de ou-

tras vezes folgarem de gastar suas fazendas, e pôr em risco suas pessoas por seu serviço, e assim escrever particularmente a todas as pessoas que nesta carta nomeei, porque nenhuma cousa dá cá espirito aos homens, e os aviventa tanto como as cartas de V. A.

Acabado de me nosso Senhor fazer mercê de me dar esta vitoria, a primeira cousa que fiz foi cortar as pontes em que o rio estava atravessado e fazello navegavel que ficasse em ilha como d'antes; e logo mandei recolher toda a artilharia e munições para dentro da fortaleza, e mandei derribar os muros da cidade que correm ao longo do rio, para que ficasse a cidade aberta da banda do mar. Estas pontes erão huma obra tão espantosa que parecia escurecer a que Xerxes fez sobre o Helesponto para passar á Europa, pois que com ellas ajuntarão a ilha de Dio á terra firme. A primeira ponte, que fizerão da alfandega da cidade até á villa de Rumes tem de comprimento cento e trinta braças, e de largo seis, e de alto outras seis, toda de mui grandes e poderosas pedras lavradas, e a decima he muito mais com-

prida e larga : das obras que fizeram sobre a fortaleza, parecem mais que de humanas, porque o proprio capitão, e moradores d'ella me não sabião dizer aonde estavam os baluartes, e por aonde corrião os muros: aonde fazia a cava tamanhas montanhas de pedra e terra tinhão lançado em todas estas partes de maneira que parecia impossivel a hum trabalho mui portavel poder tirar esta pedra e terra, e tornar a erguer a fortaleza pelo logar por onde primeiro estava : pelo que me foy forçado fazella de novo por fora da cava : assim porque se pode fazer neste verão como por ser esta parte mais forte, por caso de huns outeiros altos donde os baluartes cahem : o que me dera muito trabalho se não acertara vir do reino Francisco Pires, porque não ha lá official que saiba nada, e por esta razão me cumpre tello cá este verão, e não o mandar a Moçambique.

A maneira de que faço a fortaleza é pelo debuxo de Ceita ; parece-me que espantará muito a gente desta terra, mayormente depois que se fizer huma cava por fóra do muro novo, porque então ficará Dio com duas cavas, e duas muralhas, remediando-se os muros velhos de maneira que fique em terraplano sobre a cava antiga : e posto que os modernos não aproveem nas fortalezas haver muitas reservas todavia para estes muros serve assim muito e vem mais a proposito : e não era possivel poder-se fazer neste verão d'outra maneira : porque em todo elle se não poderá fazer lugar pelos muros velhos para começar a obra como já tinha dito a V. A.

Eu estive muito perto de acabar de desfazer esta fortaleza, e ilha, e de a fazer na ilha dos Mortos, porque creia V. A. que Dio dá muito maior oppressão a India que os Rumes ; e cada vez que quizer, elrey de Cambaya por todo o estado da India a hum tombo de dado ella nos não serve para outra cousa, salvo para nos pôr de continuo as tripas na bocca ; o que se escusara de todo se se fizesse esta fortaleza na ilha dos Mortos, por caso de ser huma ilha muito forte de sitio, e estar mui apartada da terra firme, e ter grande e singular porto o qual com todos os ventos se pode entrar, e sair pelas quaes causas a nunca podia vir cercar elrey de Cambaya : e não a cercando, lhe podiamos nós fazer tanta guerra por mar, que fora nosso tributario : e até agora não somente os governadores levarão a melhor de Cambaya mas lhe fazião tantas injurias e offensas para lhe não vir cercar Dio, que tinhão os portuguezes perdido toda reputação entre os guzarates. Mas lembrando-me que em Portugal foi celebrada nos pulpitos a tomada de Dio ; e que em Roma se fizeram muitas procissões, e de toda a christandade mandarão dar os parabens a V. A. não ouzei desfazer tamanha novidade, e tambem estava já em toda a India tão assentado nos mouros que elrey de Cambaya tomara esta fortaleza, que se a deixara sem embargo da grande vitoria, e se descercar com tamanha honra (que nunca acabei de querer a cousa como passou) ainda as-

sim soara por todo o mundo que elrey de Cambaya nos tomara Dio ; e como quer que nestas partes mais do que em outras se viva de credito, podera-nos esta infamia fazer muito mal.

Tenho por esta maneira que digo a V. A. descercado a fortaleza de Dio ; provi logo a córte de Malavar, e mandei lá Francisco de Sequeira por guarda da costa por ser homem que melhor sabe de todos, e lhe teem em todo Malabar grande respeito ; o qual Francisco de Sequeira veio servir a V. A. a Dio com quatro fustas suas, mui bem aparelhadas, e armadas, e na batalha fez um esquadrão de frecheiros de Malavares, que pelejarão muito bem ; pelo que lhe deve V. A. escrever muitos agradecimentos, e fazer-lhe muita mercê. E assim mandei D. Manoel de Lima a fazer-lhe guerra na enseada, com vinte fustas, e Antonio Diniz a costa do Mangalor. D. Manoel queimou duas cidades, a saber Goge e Guandar, e destruiu-as de maneira, que quasi não deixou memoria d'ellas, destruindo tambem outros muitos lugares da costa, queimando muitos mais e navios : Antonio Moniz destruiu um grande lugar que se chama Poor, e fez outros muitos danos pela costa.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Continuação

XII.

De como se tomou a nau em que vinha Luiz de Viveiros, irmão do governador. por capitão de trezentos infantas, e o corregedor para governar as ilhas.

Em 20 de Junho defronte do porto da cidade appareceu uma nau, e reconhecendo-se ser de socorro, que para o castello vinha, saíram a ella dois navios hollandezes, que na nossa armada andavam, levando largas bandeiras hollandezas, pelas quaes foram dos castelhanos conhecidos por taes. E feito conselho entre elles de como se haveriam, tiveram por melhor entregar-se aos portuguezes, ainda que estivesse a ilha levantada (o que lhe não constava) do que pelejar com elles, no que fez como covarde e não irmão de seu irmão. E assim se chegou a terra, aonde chamam a ponta de Santa Catharina, e saltaram todos em terra, o que causou grande revolta na villa, por estar a gente toda na cidade ; mas alguns que se acharam, acompanhados dos clerigos, acudiram ao passo, por onde elles haviam de subir, e os detiveram na ponta e ilheo aonde estavam. Logo se mandou recado á cidade e Praia, e a toda a pressa acudiu o capitão maior Francisco de Ornellas, com alguns capitães, e soldados bastantes, e os fizeram subir para cima rendendo todos as armas. E assim ficou o pobre fidai-go, com todos os seus prisioneiro, sem fazer

demonstração alguma de soldado, nem no mar nem na terra.

N'este tempo fugiram do castello para nós dois castelhanos por uma vez, e um por outra, os quaes sendo bem recebidos e perguntados, cada um per si, do estado do castello, disseram que estavam muito apertados, assim pela malignidade dos mantimentos, como por doença de que morriam.

Logo apoz d'estes fugiu um negro, que disse o mesmo, e contou mais como da banda do Zimbreiro faziam uma embarcação de coberta para a mandar de aviso a el-rei de Castella, e estava já quasi acabada, e que pela mesma parte a haviam de botar ao mar. Logo os capitães maiores mandaram andar barcos de pescar d'aquella banda, porque não lhes escapasse.

Em 21 de Julho uma noite de muito escuro a lançaram ao mar, e começou a fazer sua viagem, do que os nossos barcos deram fé e vieram logo dar aviso; e pela manhã expediram apoz ella o caravelão do Sardo, guarnecido de soldados. Não tendo vista d'ella foi governando ao rumo que lhe pareceu levaria, conforme o vento que ventava, e no cabo de tres ou quatro dias tornou com ella a cidade, na qual iam doze soldados, que sendo perguntados fallaram como os acima, excepto um artilheiro portuguez, que por cabo ia, e portador do prego, que antes de o renderem botou ao mar; e nunca quiz fallar palavra mostrando-se mais que endurecido castelhano, pelo que era merecedor de o pôrem em uma forca; mas os capitães maiores eram tão benignos que a todos recebiam bem e a muitos perdoavam, o que era causa de serem murmurados de alguns, que queriam mais rigore justiça do que elles executavam.

XIII.

Do que succedeu pelo mez de Agosto até Dezembro.

Em 2 de Agosto desceu para as nossas trincheiras uma esquadra de trinta soldados dos mais esforçados e aventureiros do castello. Bem concertados, cada um dos nossos capitães se preparou, no posto onde estava, para receber o assalto que logo entenderam vinham dar. Elles desceram direito á parte onde estava o capitão Balthasar da Costa com os seus soldados postos em ordem, e chegando se travou briga entre elles com tanto impeto e esforço de uma e outra parte, que dos nossos ficaram logo mortos sete, e mais de vinte feridos, de que depois muitos morreram, um dos quaes foi o capitão, que no campo ficou como morto, mas foi Deus servido dar-lhe vida. Dos castelhanos houve alguns feridos, e um mal ferido que ficou prisioneiro; e vendo que a nossa gente vinha crescendo se recolheram ao castello, levando comsigo captivo o sargento Galaça.

Logo se divulgou na cidade dos mortos e feridos que ficaram, pelo que acudiram acima não só homens, mas mulheres, dando vozes e gritos, taes que parecia um dia de juizo. E tanto cresceu a colera entre o mulhero e gente popular, com a vista dos feridos e mortos, que se viraram contra os capitães mores, arguindo-os que por sua culpa succediam aquellas mortes; que não queriam que tivessem cargo da guerra; que elles fariam capitães mores que bem os governassem, que fossem portuguezes conhecidos. E tão cega e assanhada andava esta turba multa em este motim, que nem religiosos, nem clerigos, nem o corregedor, e homens nobres, que de permeio se metteram, os poderam apasiguar, tendo por castelhanos os que a mão lhe iam, pelo que n'este dia esteve a cidade arriscada a uma desventura, pela grande inquietação e motim da gente, a qual vendo entre os que de permeio andavam a Luiz Pereira de Horta, lhe disseram fosse seu capitão maior e governador da guerra, e por tal o acclamavam, e ao capitão Roque de Figueiredo por seu sargento mór; os quaes vendo seu desatino os foram aquietando o melhor que poderam, com grande trabalho, mostrando-lhe sua cegueira e engano, com que se tornaram á obediencia dos mesmos capitães mores, que ficaram governando como d'antes.

Tudo isto Deus nosso Senhor devia permittir, para que os portuguezes melhor se fortificassem, que muitas vezes por demasiada confiança acontecem semelhantes desastres. Logo os capitães maiores mandaram fazer outro contravallado por fora das trincheiras para a banda do castello, com que ficou mais forte e defensavel, que se estivera feito não fizeram os castelhanos o assalto tanto a seu salvo, e com tanta affronta nossa, que realmente descuido foi não os tomarmos todos ás mãos.

Por este tempo escreveram os embaixadores portuguezes que em Inglaterra estavam a esta ilha, em nome dos officiaes da camara, a carta seguinte.

Carta dos embaixadores portuguezes, que estavam em Inglaterra.

Não podemos deixar de dar a essa ilha e a vossas mercês em seu nome, os parabens do modo com que tem procedido contra os castelhanos, que occupam a fortaleza de S. Philippe, porque as novas que chegaram a este reino de Inglaterra, aonde ficamos por embaixadores de el-rei nosso senhor, do valor e fidelidade dos moradores d'essa ilha na occasião presente, posto que bem conhecida em outras passadas, acreditaram tanto não só a elles mas aos portuguezes em geral, que devemos todos dar-lhes as graças particulares por esta facção, de que soubemos primeiro pelo padre frei Francisco de Jesus, natural d'essas, que aqui veiu ter com o seu custodio, e fica em nossa companhia, fazendo alguns serviços a Deus. Vossas mercês terão já

noticia, com que Deus em Portugal vae continuando esta obra sua. D'estas partes do norte fazemos saber a vossas mercês que temos assentado pazes com este reino de Inglaterra, e com França, e Hollanda, e estão já capituladas; e assim para lograrmos perfeita liberdade esperamos brevemente ayiso de estar ganhada essa força, no que, ainda que haja difficuldade, que é notoria, e mais quando o successo livrado nos braços de taes portuguezes que Deus guarde, etc. Londres 4 de Janeiro de 1641. D. Antão de Almada — Francisco de Andrade Leitão. — Aos juizes e vereadores da cidade de Angra da ilha Terceira.

Por este mesmo tempo levantou o capitão João Mendes de Vasconcellos uma companhia á sua custa, com que d'ali por diante serviu a sua magestade, até o fim da guerra, e depois lhe deu liberdade de que cada um se fosse para sua terra, ou fizessem de si o que quizessem, como lhe tinha promettido; e não os deu em lista, como os mais capitães fizeram, de que muitos se queixaram.

Em 3 de Setembro de 1641 veiu de Lisboa o capitão João Teixeira, que lá tinha ido de aviso, como fica dito, com cartas de sua magestade para os capitães maiores, em que avisava sustentassem o cerco, que cedo acudiria com soccorro bastante para se render o castello; a qual nova animou e alentou tanto a todos, que os vestiu de novos brios como bons e leaes portuguezes que eram, fazendo sua obrigação assim de noite como de dia.

Por fins de Setembro e principio de Outubro, vendo os capitães maiores que tardava o soccorro, e entrava o inverno, ordenaram mais quatro companhias dos homens nobres e mais antigos de toda a ilha. De uma fizeram capitão a Diogo do Canto de Castro, da outra a Francisco de Andrade Machado, da outra a Christovão Borges da Costa, e da outra a Sebastião Cardoso Machado, tenente que hoje é do castello de S. João Baptista, nome que lhe poz el-rei nosso senhor D. João IV, que Deus guarde, tirando-lhe o que tinha de S. Philippe; ou, para que melhor diga, lh'o poz o padre Francisco Cabral, da companhia de Jesus, no sermão que fez em a procissão de graças, que os capitães maiores depois d'elle entregue com toda a solemnidade fizeram; e el-rei nosso senhor lh'o confirmou, por dar gosto a todos, como tambem á cidade de Angra deu o titulo de *sempre leal cidade*.

Estas quatro companhias, que assim se fizeram, entravam cada vinte e quatro horas uma, na formosa e grande barraca que para este effeito ás Covas se fez, e ali faziam sua posta, e serviam de ir rondar de noite os postos do cerco, e estavam expostas para tambem acudirem na occasião que se offerecesse. E não foram de pouco porte, porque sobre estes homens, por serem os mais fidalgos e nobres da ilha, descansavam os capitães maiores, como sobre guardas de mais confiança, assim por sua nobreza como por seus annos.

Em principio de Novembro fugiram para nós dois soldados, cada um por sua vez, trazendo consigo suas armas, que dando novas do miseravel estado em que estava o castello, se applicaram ao serviço d'el-rei nosso senhor D. João IV, que Deus guarde, e o fizeram valorosamente como bons e alentados soldados.

Em 6 do dito foi o capitão Francisco Pires, natural da ilha Graciosa, que é um dos sete que do reino vieram, acompanhados de alguns soldados seus, e d'estes dois que do castello vieram, que lhe serviram de guia, por uma noite muito escura e de chuva, dar de salto no reducto que os castelhanos á Boa-nova tinham, e n'elle captivaram dois ou tres soldados, fugindo os mais pelo seu fosso acima, e não foi isto tanto em segredo, que não fossem sentidos do castello, d'onde os serviram com muitos pedreiros, que para aquella parte dispararam, e em nada nos offenderam, sendo assim que por causa do escuro andavam os nossos derrotados, sem saberem uns dos outros, mais que os dois castelhanos e o capitão, e um ou dois portuguezes, que com elle no reducto entraram, que sempre vieram juntos com os prisioneiros, com que nós ficamos, satisfazendo em um certo modo da affronta que no primeiro de Agosto nos haviam feito.

Em 28 de Dezembro, outra noite de muita chuva, tornou o mesmo capitão, acompanhado dos mesmos castelhanos e soldados portuguezes, a dar no reducto que estava para a banda dos Fanaes, e captivou dois castelhanos, e deixou o reducto arrasado, sem que do castello nem d'elles recebesse damno algum. Atemorisou isto tanto ao castelhana, que logo desamparou os reductos, e não metteu mais postos n'elles, o que dos soldados já deliberados foi sentido, porque, como já andavam deliberados e victoriosos, determinavam continuar nos assaltos, como tornaram, e achando-os despejados lhes trouxeram a fachina para o lume.

Continua.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.

Publicou-se o 2.º volume, nitidamente impresso, da obra — *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. Pereira da Silva.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se o 3.º volume da *ENBIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.